

Doutoramento *honoris causa*

Discurso de investidura do Professor Doutor Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Pesquisador Titular e ex-Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (IOC),
Fundação Oswaldo Cruz e Membro da Academia Nacional de Medicina

Discurso proferido pelo Professor Doutor Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro na cerimónia em que lhe foi atribuído o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Nova de Lisboa.

- Senhor Professor Doutor António Manuel Bensabat Rendas, Magnífico Reitor da Universidade Nova de Lisboa (NOVA);
- Senhor Professor Doutor Eduardo Romano de Arantes e Oliveira, Presidente do Conselho Geral da NOVA;
- Senhor Embaixador do Brasil em Portugal, Embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado;
- Senhor Embaixador do Brasil junto à CPLP, Embaixador Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão;
- Querido amigo Professor Doutor Paulo Ferrinho, Diretor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da NOVA e
- Querida Madrinha, Professora Doutora Maria do Rosário Fraga de Oliveira Martins; responsáveis pela indicação de meu nome para esta honraria;
- Senhor Professor Doutor Luís Gomes Sambo, Ministro de Saúde de Angola e Professor Catedrático do IHMT, no âmbito da *Gulbenkian Professorship in Global Health*;
- Caras amigas Professoras Doutoradas Zulmira Hartz e Lenea Campino, respectivamente Vice-Diretora e Presidente do Conselho científico do IHMT;
- Senhor Professor José Luiz Gomes do Amaral, meu confrade na Academia Nacional de Medicina do Brasil, que aqui a representa;
- Meus amigos que se deslocaram do estrangeiro para esta homenagem, a quem saúdo nas figuras do Professor Candido Antonio Mendes de Almeida (Reitor da Universidade Candido Mendes) do Brasil, do Professor Santiago Mas-Coma (Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical, IFTM) da Espanha e do Professor Stephane Picot (Chefe de Serviço da Universidade de Lyon) da França;
- Demais autoridades políticas e universitárias presentes;
- Queridos amigos e familiares, aqui representados por minhas irmãs; Cássia e Regina e minha esposa e companheira, a Doutora Patrícia Brasil;
- Meus novos colegas da NOVA, Senhoras e senhores:

Obrigado, Professor Luís Sambo, por essa apresentação generosa de minha dedicada luta e modestas contribuições no cenário do ensino e pesquisa em prol da malariologia brasileira e mundial.

Devo começar manifestando minha mais emocionada gratidão pela honra que me fazem os Professores Doutores Paulo Ferrinho, Rosário Martins e Lenea Campino, que propuseram o meu nome para tão briosa distinção. Professor António Rendas e Professor Arantes de Oliveira, Presidente do Conselho Geral da NOVA, sejam assegurados do meu reconhecimento mais sincero pela possibilidade que me é franqueada de ingressar na prestigiosa Universidade Nova de Lisboa pelos virtuosos portais do Doutorado *Honoris causa*. É uma alegria inebriante, além de um orgulho extremo, ser reconhecido e aceito por essa jovem Universidade, que se sobressai nas lideranças das Universidades de um País que teve a primeira delas fundada em 1289. De acordo com o ranking universitário *QS Top World Universities* de 2016, a NOVA é a 366ª Universidade (em 916 analisadas) e está entre as 100 primeiras com menos de 50 anos no Mundo. Com seus 37 cursos de graduação, 187 de pós-graduação e quase 19.000 alunos, a NOVA tem hoje uma investigação competitiva no plano internacional e um ensino de excelência em diversos campos do conhecimento humano.

A altanaria é ainda maior, Professores Rendas, Ferrinho e Martins, ao ponderar que vossa generosa acolhida como um dos vossos, me coloca ao lado de grandes personalidades do cenário internacional, também Doutores *Honoris Causa* desta Universidade. Penso em Kofi (Atta) Annan, diplomata de Gana, sétimo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (1997-2007) e Prêmio Nobel da Paz (2001). Penso no biólogo e geneticista francês François Jacob (1920-2013), do *Institut Pasteur*, em Paris, laureado, com Monod e Lwoff, com o Nobel de Fisiologia ou Medicina (1965) por seus trabalho nos mecanismos genéticos e efeitos bioquímicos das mutações bacterianas. Penso no Professor Doutor Luís Sambo, que enche meu peito de honra e meu coração de júbilo ao me dirigir a saudação de acolhida. O Doutor Sambo, médico Angolano especialista em Saúde Pública pela Faculdade de Medicina da Universidade de Angola com doutorado em Gestão pela Universidade de Hull (Reino Unido), foi diretor regional da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a África (2005-2015). A lista é impressionante, mas me permito citar ainda só o escritor, jornalista, ensaísta e político Peruano Jorge (Mario Pedro) Vargas Llosa, laureado com o Nobel de Literatura (2010) e o Doutor Jean Dausset (1916-2009), também imunologista, que conheci na França e recebi no Brasil, Professor da Universidade de Paris VII e Premio Nobel de Fisiologia ou Medicina (1980) pela sua descoberta do sistema gênico HLA, complexo principal de histocompatibilidade em humanos. Se considerarmos somente os Brasileiros, quatro dos 94 galardoados desde o primeiro Doutorado HC desta casa, em 1980, tenho ainda mais razões para minha irrestrita honra. O Professor Paulo Marchiori Buss, um dos mais

cultuados Sanitaristas Brasileiros, ex-Presidente, colega na Fiocruz e confrade na Academia Nacional de Medicina no Brasil, precedeu-me recebendo este título em 2011. Também fazem parte dessa seleta galeria: o Almirante carioca Max Justo Guedes (1927-2011; Dr.HC em 1999), ícone das Historiografias Naval e Cartográfica Brasileiras e elo brasileiro com os estudos do historiador português Jaime Cortesão; o Compositor e Maestro Antonio Carlos (Brasileiro de Almeida) Jobim, (1927-1994), insuperável expoente da música popular brasileira e pai da “Garota de Ipanema” (1993) e o anatomista paulista, Liberato João Alfonso Di Dio (1920-2004), o “Anatomista do Século XX”, segundo diversas Instituições e Revista médicas e o “Pai da nomenclatura anatômica” por ter encabeçado, com mais 20 anatomistas no mundo, de 1950-1997, a compilação de dados que resultou na globalização da nomenclatura de anatomia (1987).

Parafraseando Paulo Buss, em seu discurso de posse, eu perguntaria: - “Podem imaginar todos vocês, meus amigos, a imerecida honra de ingressar agora nesta seleta galeria de personalidades da Universidade Nova de Lisboa?”

É uma honra também compartilhar esta tarde de alegria com o Professor Doutor Alejandro Portes, Professor Emérito da Universidade de Princeton e Professor Investigador da Universidade de Miami, um dos mais proeminentes sociólogos Norte-Americanos e autor de contribuições relevantes para a teoria sociológica com obra destacada nos domínios da sociologia económica. O Professor Portes recebeu o Prêmio *James Coleman Fellow* atribuído pela Associação Americana de Sociologia e o Prêmio W.E. Dubois pela Carreira Distinguida de Acadêmico conferido pela Associação Americana de Sociologia.

O Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Unidade Orgânica da NOVA desde 1980, fez apenas três indicações para este título até hoje; os Professores Luís Sambo e Paulo Buss, que já mencionei, e o médico e antropólogo epidemiologista Dinamarquês Peter Aaby, em 2015. O IHMT foi criado, em 1902, apenas dois anos depois do Instituto Oswaldo Cruz, onde trabalho há 33 anos, mas, visto por mim, ele é Casa de amigos. Conheci Virgílio do Rosário em Belém do Pará, onde ele residia e participava de um grande projeto de ensaio da mefloquina para o tratamento da malária *falciparum* - promovido pela OMS, e onde eu vou, intermitentemente até hoje. Virgílio e eu não ficamos amigos logo... éramos ambos excessivamente antipáticos... Foi algumas décadas depois, em um Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical na tórrida Teresina no Nordeste Brasileiro, que Virgílio faria acontecer a 1ª Reunião da Rede (lusófona) de Investigação em Saúde (RIDES) – Malária, cuja criação ele liderava – e me convidaria. Como eu fazia acontecer um encontro da Rede

Índia, Brasil, África do Sul (IBAS) para a malária, na mesma data e local, não pude comparecer, participando somente da reunião seguinte, em Luanda, Angola. Foi onde comecei a descobrir um cientista fortemente comprometido com a defesa da lusofonia, com o apoio do desenvolvimento regional dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) e com a integração da investigação científica com as atividades de controle (da malária) nesses Países. A partir de então estreitei laços e intensifiquei colaborações que já tínhamos com o Professor Filomeno Fortes e começamos a aumentar a acolhida de estudantes e jovens profissionais luso-Africanos em nosso Laboratório. Com Fátima Cruz vimos colaborando com a RIDES - Malária nos últimos 10 anos, em prol da saúde, sobretudo dos PALOPs. Em uma das reuniões que Virgílio fez acontecer no contexto da Rides, conheci Rosário Martins, Professora Catedrática da NOVA no IHMT. Com a inteligência analítica dos estatísticos superiores, recato elegante e grande habilidade, Rosário se revelou logo peça chave nas relações Brasil-Portugal-PALOPs no contexto da Rides.

Foi nesse cenário que encontrei Paulo Ferrinho. Com Paulo eu tinha a impressão de lidar com um membro da Casa Real Portuguesa, um cientista navegador de família tradicional. Paulo me tratava com cortês fidalguia, fazendo-me sentir protegido e curioso como nas relações que temos com nossos avós... aliás, enquanto escrevo isso, me ocorre que em qualquer relação de brasileiro com um nativo de Portugal, uma sensação de herança e ancestralidade é intuitiva e natural. Vocês são mais velhos... nós mais novos... (mas o Ferrinho é mais jovem do que eu...). Ferrinho começou a me mostrar um Instituto que eu não conhecia, um grupo novo de cientistas portugueses, uma Lisboa emergente a meus olhos, e um Portugal que se descortinava, para um bisneto de Portugueses que dera seus primeiros passos na terrinha nos remotos anos 1980. Foi por causa de Ferrinho que conheci e me aproximei de outros do IHMT; Professoras Zulmira Hartz, ex-colega da Fio-cruz, Lenea Campino, Deolinda Cruz, responsável pelas relações internacionais... para citar só alguns... Ao fim de 2013, Ferrinho convidou-me para escrever o editorial dos Anais do IHMT que relançava, junto com os Congressos Portugueses de Medicina Tropical, e o efeito que meus amigos portugueses faziam em mim se manifestou no tema sobre o qual decidi escrever: “A lusofonia e a irmandade dos povos na língua”.

Perdoem-me pela memória deslocada... mas antes do Editorial, aconteceu algo digno de nota... Ferrinho me convidara para uma banca de concurso alguns dias antes do II Congresso, no qual eu falaria como Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical (IFTM). Eu estava com a mala pronta no hall de entrada de minha casa no Rio de Janeiro, na 2ª-feira 15 de Abril de 2013, quando

minha irmã Cássia ligou avisando que levaria meu pai, com sinais de agravamento da dengue que contraíra há poucos dias, para o hospital. A ligação telefônica seguinte foi do táxi que chegara. Eu deixei a mala onde estava e aproveitei o táxi :

— Clínica São Vicente, disse ao *chouffeur* surpreso.

Do dia seguinte, após uma parada respiratória de manhã cedo, até a madrugada do sábado 20, meu pai esteve no CTI, acompanhado por mim, meu outro irmão médico e as preces da família e de amigos. Ele não melhorava, e as mensagens de meus amigos portugueses eram diárias e carinhosas. “Eu conseguir vir para Lisboa” deixou de ser o desejo que manifestavam, mas que meu pai sobrevivesse, e/ou que eu ficasse o melhor possível... Celeste, Deolinda, Lenea, Zulmira, Virgílio, Rosário e Ferrinho, achei em minhas caixas de email aquele em que eu vos anunciava a morte de meu pai no Sábado dia 20/4... sem nenhuma dúvida, a maior perda da minha vida... Dia 22/5 eu chegava em Lisboa para a banca do concurso que não se realizara ainda. A acolhida de todos no IHMT, com o delicado carinho com que cuidamos dos que podem voltar a sangrar a qualquer instante, nunca sairá de minha lembrança.

Não sei muito dos pais (portugueses) de minha avó paterna... João Pinto Daniel e Maria Theresa Leite, fora que ele era um alfaiate quando migrou para o Rio de Janeiro... foi na Academia de Medicina que aprendi o verdadeiro significado do conceito da imortalidade (acadêmica). “Morremos duas vezes, uma quando morremos e outra quando o último que se lembra (e pode falar) de nós, morre”. Digo às minhas filhas, permanentemente: “Falem de seus avós a seus filhos”, acho que meus pais não o fizeram o bastante... talvez, simplesmente, porque não tiveram tempo de se beneficiar do progressivo aumento da longevidade humana na modernidade e conviveram com os avós por menos tempo ainda do que eu convivi com os meus... Perdi meu avô Waldemar, pai de papai, dentista mineiro e melhor avô do mundo, quando eu tinha 14 anos. Meu pai tinha 39... ele urrou de agonia e dor e chamou pelo pai por muitos anos.

Foi emocionante pisar no solo português pela primeira vez em 1978 ou 1979, quando passei por Lisboa, indo celebrar o Natal com meus pais no Brasil, em pausa de meu doutoramento em Paris. Mal lembro o restaurante, onde jantamos antes de pegar o voo no dia seguinte para o Rio de Janeiro. Voltei um ano depois, dessa vez a Alvor, em um Congresso Luso-Brasileiro de Imunologia. Encantou-me a beleza do lugar e a vitalidade científica dos especialistas portugueses – em parte liderados pelo Professor Palma Carlos.

Meu amor por Portugal começava a florescer. O carinho dos portugueses sempre foi ponto alto. Estar em Portugal produz sempre em mim a sensação de acolhimento e fami-

liaridade com o povo do qual orgulhosamente descendo. Meu olhar errante pelas históricas e lindas ruas vivencia sempre o sentimento de pertencimento à terra. Esse Portugal amoroso é hoje parte de minha vida, mais do que já era por causa da poesia de Fernando Pessoa e de Florbela Espanca (que minha mãe adorava) e da genialidade de Saramago (“Dentro de nós existe uma coisa que não tem nome, essa coisa somos nós”), das histórias que começamos a aprender na escola (e não vamos nunca parar de querer ouvir) sobre os navegadores portugueses, dos azeites de oliveiras centenárias, dos vinhos do Porto divinos e dos vinhos verdes frescos (que meu pai adorava), dos queijos da Serra, dos doces de conventos... do mosteiro de Jerónimo, da Torre de Belém, do monumento dos descobridores, da Fundação Gulbenkian, do eterno Tejo e dos fados mágicos. É esperado que um Brasileiro pela primeira vez em Portugal, viva a expectativa de reencontrar a antiga metrópole, orgulhosa e bela, berço de toda uma civilização semeada tempo afora no Brasil e no mundo. Mas o encontro que marcará sua memória será com a alma simples, radiosa e receptiva do povo Português.

Meu sobrenome Ribeiro, o 15º mais comum no Brasil, foi herdado de meu avô Waldemar de Souza Ribeiro e de meu bisavô, Silvério Souza Ribeiro Júnior. Ele tem origem no latim “ripariu”, que significa “rio pequeno” ou “riozinho”. Era adotado por pessoas que moravam em terras próximas a cursos d’água. Em Portugal, a família é de origem nobre e um de seus primeiros membros foi dom Ramiro, último regente do reino de Leão que vigiu do ano de 910 a 1230.

O estudo da ascendência genealógica de minha família com o registro da chegada de vários imigrantes portugueses para o Brasil está ainda por ser feito, talvez por meu próprio irmão Marcus Tadeu, historiador da arte. Quando o visitei no Porto, onde estudou em “Doutorado Sanduíche” por um ano, sob a co-orientação do então Vice-Reitor da NOVA, Professor José Esteves Pereira, ouvi um relato sobre um interessante antepassado nosso, Dom Aleixo Manuel Albernaz, fidalgo da casa real que emigrou para o Rio de Janeiro junto com Estácio de Sá, na expedição destinada a guerrear e expulsar os franceses e fundar a cidade no ano de 1565.

Segundo Dom Mateus Ramalho Rocha em seu livro sobre o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, quando os primeiros beneditinos chegaram à cidade no século XVI, receberam de nossa família - que se encontra, portanto, na Cidade Maravilhosa desde o seu nascedouro no século XVI - a pequena igreja, devotada à Nossa Senhora da Conceição, que havia sobre o Morro de São Bento, para que ali edificassem o cenóbio beneditino. A igreja foi ampliada pelo traçado do engenheiro-mor Francisco Frias da Mesquita, dando lugar à atual igreja de Nossa Senhora de Monserrate. Meu irmão Marcus, criador da pós-graduação em

História da Arte Sacra na Faculdade de São Bento, acredita que a pequena ermida é a atual Capela do Santíssimo, localizada no lado do Evangelho da venerável igreja, toda de ouro. Meu antepassado Aleixo Manuel Albernaz viria a ser o primeiro juiz da cidade, enquanto seu filho, de mesmo nome, seria o primeiro médico formado em uma universidade europeia atuante no Rio de Janeiro.

Senhores, é meu compromisso honrar meu título dessa casa potencializando as ações em colaboração com a NOVA. Várias são as perspectivas... a mais importante atividade de ensino de nosso grupo no Brasil, os *Seminários Laveran & Deane*, ocorre anualmente há 21 anos e se destina à discussão de projetos de tese em malariologia. Ela já se beneficiou da presença de Virgílio do Rosário, Filomeno Fortes e Rosário Martins. Nossa mais querida carta na manga, Professores Rendas e Ferrinho, para a intensificação de nossas relações com o IHMT, a NOVA e Portugal, é criá-lo em Lisboa para alunos Africanos lusófonos. (a NOVA tem, como uma de suas pós-graduações, um Programa Internacional em associação com a Fiocruz, Brasil denominado *Global Health and Tropical Diseases*, que pode servir de plataforma para receber tal Seminário). Também, enquanto Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical (IFTM, de 2012 a 2016), procurei dar voz à lusofonia tendo um Secretário Geral de Angola no *Board* e um Português no *Board Expandido*. Com Filomeno e Ferrinho, organizamos eventos conjuntos da IFTM com Sociedades Nacionais de Medicina Tropical, como em Luanda em 2013 e em Lisboa em 2015. A IFTM, sob a égide de meu amigo e atual Presidente Mas-Coma, continua apontando nessa direção. A presença dos Professores Paulo Ferrinho e Filomeno Fortes no *Expanded Board* da IFTM é uma garantia de que o IHMT, a NOVA e a lusofonia terão papéis importantes na promoção internacional dos estudos em Medicina Tropical. Na qualidade de Membro Titular da Academia Nacional de Medicina do Brasil e com a ajuda do Professor Antonio Gentil Martins, Acadêmico da Academia Portuguesa, que me honra com sua presença aqui hoje, tenho tentado aproximar as nossas Casas.

Eu poderia dizer muito mais sobre os laços que me unem às ciências e aos homens de Portugal, mas não posso alongar ainda mais essa alocução que tem por objetivo capital manifestar as minhas gratidão e alegria ao ser reconhecido e homenageado com a tão honrosa distinção que me fazem o IHMT e a NOVA.

Professores, Lenea, Zulmira, Rosário, Ferrinho e Rendas, meus novos colegas da NOVA, sejam afiançados de minha eterna gratidão.

Muito obrigado a todos !